

NOTAS SOBRE A INDESTRUTIBILIDADE DO DESEJO DE DEUS SEGUNDO A PSICANÁLISE FREUDIANA

SOME NOTES ON THE INDESTRUCTIBILITY OF THE DESIRE FOR GOD FROM THE FREUDIAN PSYCHOANALYSIS

*Maria Vilela Pinto Nakasu**

RESUMO

A religião, segundo a concepção freudiana, tentaria, com algum sucesso, aplacar o sentimento de impotência e fragilidade do ser humano. Amado e temido, protetor e perseguidor, o Deus cristão teria seu protótipo na imago paterna, formada pelas influências do pai ontogenético e do pai filogenético. Este trabalho se propõe a discutir a crítica de Freud à religião, a partir da sua defesa insistente da ciência como um caminho positivo para o desenvolvimento da humanidade. Argumenta que tal defesa é, na verdade, relativa, já que a saída científica seria uma substituta da saída religiosa tendo em vista a indestrutibilidade do desejo de deus. Na época da técnica, não se falaria mais em Deus-totem, em Deus-Cristão, mas em Deus-homem.

PALAVRAS-CHAVE: Freud. Psicanálise. Cultura. Religião. Desamparo humano.

ABSTRACT

Religion can be seen from a freudian perspective as a relatively successful attempt to mitigate the feeling of impotence and frailty of human being. Loved and fearfull, protective and persecutor, the christian God would have been molded upon the fatherly imago prototype, which, in turn, was formed by the influences of the ontogenetic as well as the filogenetic father. This work tries to discuss Freud's criticism of religion from the point of view of his persistent defense of science as a positive way of pursuing the development of humanity. He argues that such a defense would be, in fact, relative, because the scientific solution would be at most an ersatz to the religious one, given the indestructibility of the desire of god. In the age of technique, instead of totem-God, Christian-God, one rather talks about man-God.

KEYWORDS: Freud. Psychoanalysis. Culture. Religion. Human wretchedness.

(*) Mestre e doutora em Filosofia pela UFSCar. Pós-doutoranda em Psicologia Social pela USP - bolsista FAPESP. E-mail: mariananakasu@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Recuperando uma afirmação de Freud (1927, p. 17) do texto *O futuro de uma ilusão*, lemos o seguinte: “As representações religiosas pretendem tornar suportáveis o desamparo humano. Elas se edificam sobre as recordações de desamparo vivido na infância - o desamparo individual -, e o desamparo coletivo, de toda sociedade”. Poderíamos iniciar a discussão acerca da religião no pensamento freudiano apresentando o que Freud entendia por representações religiosas, ou centrar a discussão sobre a relação entre religião e neurose obsessiva. Partiremos, no entanto, das principais teses freudianas a respeito da condição do homem moderno, a razão de seu desamparo e fragilidade, sentimento de impotência e de desvalimento, os quais a religião tentaria, com algum sucesso, diminuir.

A que desamparo Freud se refere em *O futuro de uma ilusão* (1927)? O desamparo frente à própria cultura ou civilização – lembrando que ele não faz distinção entre estes dois termos. Se, por um lado, a cultura abarca o saber e a força de trabalho que os homens adquiriram para governar as forças da natureza e extrair bens que satisfaçam suas necessidades, por outro, ela compreende todas as formas necessárias de regulação dos vínculos recíprocos entre os homens. E o que o conduz a afirmar que todo indivíduo é virtualmente um inimigo da cultura?

Basta retomarmos sua principal tese cultural, anunciada em 1908, em *A moral sexual civilizada e o nervosismo moderno*, e repetida inúmeras vezes, que afirma: “[...] a cultura repousa sobre a coerção das pulsões” (FREUD, 1908, p. 33). Na medida em que a civilização se basearia na renúncia pulsional e se encarregaria de limitar as pulsões sexuais e destrutivas, ela imporá aos homens sacrifícios tais que os conduziriam a um permanente sentimento de mal-estar e de culpa. Não podemos esquecer que Freud partirá da idéia de que quanto maior for a inibição e a interiorização da agressividade, mais forte será a crueldade e a severidade com que o superego tratará o ego, o que geraria um incremento do sentimento de infelicidade e de culpa. Se a cultura opera a renúncia pulsional, ela não faz isso, portanto, sem gerar um ônus psíquico de grande magnitude. As forças da Natureza, a imprevisibilidade do Destino, e a finitude do homem reforçariam a condição de desvalimento, fragilidade e desamparo do homem moderno. A esse respeito, Freud (1927, p. 25) afirma em *O futuro de uma ilusão*: “[...] são estes os elementos que ameaçam o homem: a terra,

que treme, a água, que inunda e destrói, as doenças, e o doloroso enigma da morte, para o qual não foi encontrado nenhum bálsamo e nem é provável que se descubra”.

O HOMEM, DESAMPARADO.

Somado a isso o homem ainda se veria diante das duras recordações do desamparo individual, infantil e coletivo. Apoiando-se justamente nessas duas recordações, Freud procurará justificar a gênese do sentimento religioso. A explicação a respeito do desamparo individual, anunciada em *O mal-estar na civilização*, o situa como uma condição estabelecida na primeira infância, considerada uma fase de total dependência da criança em relação aos progenitores. A criança depende do amor de seus pais para sobreviver. As recordações do desamparo individual se originariam justamente da condição de dependência absoluta da criança em relação aos seus cuidadores. O outro, magnificado pela impotência inicial do recém nascido, é investido como detentor todo-poderoso do poder de vida e de morte sobre ele. O deus da Religião, amado e temido, protetor e perseguidor teria seu protótipo nesta imago paterna fantasiada como solução psíquica para a angústia dos primeiros tempos.

E o que seria o desamparo coletivo, cuja lembrança conduz os homens, segundo Freud, a necessitarem da religião? Tal desamparo remonta à hipótese filogenética, apresentada em *Totem e tabu* (1913), que supõe a existência de uma horda selvagem na qual um chefe, o pai, monopolizava todas as mulheres e mostrava sua superioridade na forma violenta com que tratava os demais membros do clã fraterno.¹ Freud supõe que “os irmãos, expulsos pelo pai violento e temido, retornam, matam-no e o devoram, colocando fim à horda patriarcal. O ato de devorar o pai consoma a identificação dos irmãos com ele, que adquirem parte de sua força. A refeição totêmica, “[...] que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião”. (FREUD, 1913, p. 73).

¹ O que preocupava Freud em *Totem e tabu* foi, segundo Castoriadis (1987), as condições ontológicas de existência de uma sociedade na qual ninguém poderia exercer um poder sem limites, como o pai arcaico. “Sob esse aspecto, não o mito em si mesmo, mas as significações de que é portador são muito importantes. A sociedade se instala precisamente no momento em que ninguém é onipotente, e no qual existe autodelimitação de todos os irmãos”. (CASTORIADIS, 2002, p. 49).

A hipótese termina com o arrependimento dos irmãos. Após a consumação do ódio no parricídio, teria vindo à tona a corrente terna de sentimento, geradora de um enorme sentimento de culpa. Tal sentimento teria conduzido os irmãos à elevação de um ideal, projetado na figura de um totem, que corporificasse o poder ilimitado do pai primevo e a disposição de se submeterem a ele. O pai morto torna-se, a partir daí, mais poderoso do que quando estava vivo, e a interdição sexual com as mulheres do mesmo clã, antes estabelecida pelo pai, passa a ser determinada e seguida espontaneamente pelos irmãos, que tentam expiar a culpa do assassinato, elevando o pai à categoria de deus-totem e acreditando descender dele. A consciência de culpabilidade dá conta da repressão da violência, num movimento que esconde sua própria origem. A representação do assassinato é, portanto, reprimida e o pai retorna sob a forma do totem, depois dos deuses ou de um deus.

É na culpabilidade que Freud buscará o fundamento da necessidade de submissão, que a seu ver está intimamente entrelaçada com a gênese do poder e do sentimento religioso, e com a sua formidável capacidade de obedecer o substituto paterno, o totem, os deuses ou deus (MEZAN, 1997). Para Freud, no cristianismo, o filho, sacrificando sua própria vida, liberta os irmãos do pecado original. Nesse sacrifício a culpa pelo assassinato do pai é compensada e expiada e o próprio filho se torna deus, substituindo a religião do pai pela sua. A refeição totêmica na eucaristia significa a reconciliação com o pai e a substituição do pai pelo filho. Citemos Ricoeur (1977, p.171):

A religião é precisamente o lugar onde as constelações afetivas mais dramáticas revelam-se insuperáveis. Sua temática é por excelência arcaica: fala do pai e do filho, do pai morto e lastimado, do filho arrependido e revoltado. A esse título ela é o lugar da estagnação emocional.

O mito filogenético traz, por assim dizer, a formação da religião para o círculo do complexo do pai, baseando-a na ambivalência que domina esse complexo. Depois que o animal totem deixa de servir como substituto do pai, ele se torna protótipo de Deus. Assim, com este esquema explicativo Freud procura dar conta do advento da religião, assim como da transformação de uma sociedade “sem pais” para uma sociedade patriarcal.

O crime teria permanecido como ferida original, que continuou produzindo efeitos. Freud supõe, em relação aos traços do parricídio, que quanto menos lembrados eles foram mais substitutos originaram. Freud assume a existência de uma continuidade psíquica na seqüência das gerações, responsá-

vel pelas maneiras e meios empregados por uma geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte. A comunicação direta e a tradição, ele diz, não explicam todo o processo: somente a herança de disposições psíquicas que seriam despertadas na vida do indivíduo explicaria a passagem da carga emocional de geração a geração. O sentimento de culpa teria sido, desse modo, transmitido, filogeneticamente, e passado de geração em geração, sobrevivendo até os dias de hoje. E seria justamente esta culpa que as religiões tentariam apaziguar, elas tentariam resolver o problema afetivo posto pelo assassinato para obter a reconciliação com o pai ofendido.

NOSTALGIA DO PAI

A principal tese freudiana da religião anuncia que a relação do homem com Deus é uma reedição da relação do homem com o pai primordial e da relação da criança com o pai. Um núcleo paterno se ocultaria na figura de Deus. O vínculo com Deus permitiria ao homem recuperar a intensidade e a intimidade das relações com o pai primitivo e com o pai ontogenético. Essa é a interpretação especificamente psicanalítica da religião, assinala Ricoeur: “seu sentido ‘oculto’ é a perpétua repetição da nostalgia do pai”. (1977, p. 172). A religião tentará aplacar o sentimento de si do ser humano, gravemente ameaçado, dissipará os terrores que inspiram o mundo e a vida, oferecerá respostas ao apetite de saber dos homens.

De que maneira os deuses interviriam? Ora, diz Freud: “Os deuses intervem com uma “tríplice missão”: exorcizar os temores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida comum lhes impôs”. (1927, p. 45). A religião é assim considerada o patrimônio psicológico mais importante de uma cultura, a medida paliativa mais eficaz contra a dureza da vida, a supremacia da natureza e o desamparo humano.

A ilusão em questão no sentimento religioso é a de que a morte, os cataclismas naturais, o terror inerente à pequenez do homem são fenômenos apenas aparentemente incontroláveis, e que na verdade os deuses ou o Deus vela pela proteção do homem. Ilusão de proteção. E, como dirá Freud em *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), a respeito dos vínculos libidinais em jogo na Igreja e no Exército: ilusão da presença invisível de um ente protetor. Pouco importa, na opinião freudiana, se Cristo existe ou se o general ama ou

não igualmente todos os soldados: o importante é que fiéis e guerreiros acreditam que tal é o caso, e esta crença é fundamento da solidez destas organizações. A qual desejo corresponde essa crença? Ao desejo de ser amado pelo substituto paterno, em que este aparece como elemento essencial que asseguraria a coesão dos indivíduos. Deus ama com igual amor todos os membros da comunidade. Ilusão, portanto, de amor incondicional e de que Ele, com letra maiúscula, seria capaz de influenciar e diminuir o desamparo humano.

SOBRE A INDESTRUTIBILIDADE DO DESEJO DE DEUS

Além de conter as principais teses freudianas sobre a religião, *O Futuro de uma ilusão* (1927) é um texto quase militante no qual Freud defende o cientificismo de seu tempo com unhas e dentes. Nos termos de Maciel (2007, p. 48),

Freud inclui a psicanálise no campo do paradigma cientificista, ou seja, a “visão de mundo” da psicanálise, segundo a própria declaração do seu autor, estaria identificada com a visão de mundo científica. E é, exatamente, tal postura que vai surgindo ao longo de alguns textos freudianos que objetivam estudar a religião ao longo de toda sua complexidade.

Ele não hesitava em atropelar, se necessário, suas próprias descobertas, contanto que a concepção anti-religiosa saísse vitorioso. Fazia parte de sua consciência histórica, herdeira de uma certa visão do iluminismo racionalista, combater o que durante muito tempo se chamou o “obscurantismo” religioso. Concordando com Freire Costa (1998), é por isso que ele defende que na época em que predominava a crença nas doutrinas religiosas os homens não eram mais felizes, e nem mais morais. E afirma ser difícil para o homem prescindir do consolo da ilusão religiosa, pois sem ela não suportaria os sacrifícios da vida, a dureza da realidade. Citando Freud: “O homem passa a prescindir da religião quando ele assume seu total desvalimento, desamparo e nimiedade frente ao mundo, quando ele consegue abrir mão da idéia de que é o centro da criação, o objeto de um terno cuidado de uma Providência bondosa” (1927, p.33). É como a criança que abandona a casa paterna, onde reina conforto e bem estar. O homem não pode permanecer criança, precisa se atirar em direção à vida hostil – pode-se chamar isso “educação para a realidade”. Assim ele suportará a dureza da vida e a imprevisibilidade do destino, com resignação. “Deixemos os céus aos anjos e gorrões” (FREUD, 1927, p. 34).

Sobre um tipo particular de eleição de objeto no homem (1910) fornece-nos algumas pistas acerca da economia psíquica em jogo nas investigações científicas. Estas, segundo Freud, favoreceriam menor obtenção de prazer que as produções artísticas. Em contrapartida, possuiria maior valor cognoscível. Os artistas, atados à condição de obter prazer intelectual e estético, não poderiam representar tal qual o material da realidade: isolariam fragmentos dela, dissolveriam os nexos perturbadores, introduziriam novos elementos no conjunto da criação e substituiriam o que falta. Em relação às artes, Freud considera as mãos da ciência mais toscas. Ele se explica: “É que a ciência implica o mais completo abandono do princípio do prazer de que é capaz nosso processo psíquico” (FREUD, 1910, p. 159). O cientista também envereda pelo mundo exterior. “Leonardo dissecava cadáveres e seres humanos, construía aparelhos de voar, estudava a nutrição das plantas e sua reação frente a alguns venenos” (FREUD, 1911, p. 61).

Se depende do total abandono do princípio do prazer, é no domínio do princípio da realidade que a ciência opera. Tal princípio, como revela Freud em *Formulações sobre os dois princípios do trabalho psíquico* (1911), retarda a obtenção imediata de prazer em nome de um prazer mais seguro. Inclui as funções da memória e do juízo. Opera com a energia ligada e com as funções do pensamento, que possibilitam ao aparelho suportar quantidades de estímulos elevados sem recorrer à descarga imediata.² A religião tenta subordinar o princípio do prazer ao princípio de realidade, mas fracassa. “A ciência foi a primeira a conseguir este triunfo, [...] ela oferece um prazer intelectual e promete uma obtenção prática ao final” (FREUD, 1911, p. 229). O cientista seria dotado de particular aptidão à investigação e extrairia prazer dos seus processos de pensamento. Em 1927 lemos: “Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não pode nos dar seria encontrado em outro lugar” (FREUD, 1927, p. 55).

Até aqui, tudo parece se encaixar bem na concepção freudiana de religião e na descrição realizada pelo fundador da psicanálise a respeito de uma possível superioridade da atividade científica sobre a fé religiosa. Lembremos sempre que estamos nos referindo à religião cristã, pois se fossemos falar do judaísmo seguiríamos outro itinerário. Estávamos argumentando que até aqui tudo parece se encaixar bem, até nos depararmos com uma afirmação em *O mal-estar na civilização* (1930) que parece engendrar uma contradição

² É de forma muito resumida que estamos descrevendo os pilares do princípio de realidade.

cujas conseqüências teóricas não podem ser desprezadas. Relatando os formidáveis progressos alcançados pela ciência e pela tecnologia, Freud escreveu (1930, p.104)

Graças a todos esses instrumentos, o homem aperfeiçoa seus órgãos – tanto motores como sensórios, ou então amplia, consideravelmente os limites de seu poder (...). O homem se tornou uma espécie de ‘deus protético’, certamente deus admirável se ele reveste todos os seus órgãos auxiliares, mas estes não surgiram com ele e lhe fazem, freqüentemente, muito mal. De resto, ele tem o direito de se consolar com a idéia de que esta evolução não fundará como o ano da graça de 1930. O futuro longínquo nos levará, nesse domínio da civilização, a novos e consideráveis progressos, verdadeiramente de uma importância imprevisível; eles acentuarão, sempre mais, os traços divinos do homem.

O autor assume que a força da ciência não conseguiu dissipar a ilusão religiosa, mas criou novas ilusões. E aqui concordamos com Freire Costa (1998, p. 4) para quem

[...] se antes, oprimido pela grandeza incontrolável do ambiente humano e natural, o homem criava um deus alienígena para protegê-lo, agora, com seus artefatos tecnológicos, quer encarnar esse mesmo deus. O desejo de Deus persistia, e Freud não encontrava outra saída para entendê-lo, a não ser bater na tecla da impotência original.

A indestrutibilidade e perpetuação do desejo de Deus faz com que os homens se relacionem com a ciência da mesma maneira que com Deus. Isto é, se apóiam nela para se tornarem seres mais evoluídos, amparados e protegidos pelas certezas científicas. Assim, afirma Maciel (2007, p. 54) em relação a Freud: “Sua fé, portanto, estaria inteiramente voltada para as possibilidades que o fazer científico ofereceria para o futuro da humanidade”.

Um dos grandes mal-entendidos que parece pairar sobre as interpretações da teoria freudiana da religião diz respeito, justamente, à insistência em situar Freud como um implacável defensor do triunfalismo cientificista. Mais que ninguém, Freud duvidava da operacionalidade da razão, pois considerava que há por trás de todo conhecimento um interesse libidinal recalçado ou desviado quanto aos seus objetivos. Entre razão e racionalização, a diferença era de nomenclatura e não de natureza. Voltamos à Freire Costa (1998, p. 4):

A questão freudiana não era a da essência do ser; era a questão do que posso conhecer e como posso conhecer. (...) O objetivo de Freud era demonstrar que o sujeito do conhecimento era o sujeito do inconsciente. Por conseguinte, o que eu conheço ou sei é formado a imagem e semelhança das fantasias dessubjetivadas, sem autor em primeira pessoa. Não existe um “autor” do sentimento de impotência/desamparo, e as fantasias

provocadas por este sentimento independem de qualquer intenção subjetiva. A ordem do mundo e o sentido das coisas far-se-iam, assim, à revelia da razão, que interviria secundariamente, construindo causas e motivos aceitáveis à economia ego-narcísica.

Freud assume a indestrutibilidade e perpetuação do desejo de Deus. Não se fala mais em Deus-totem, em Deus-Cristão, mas em Deus-homem. Se agora o homem deposita sua ânsia por amor, amparo e proteção na ciência, o que dizer da resignação, saída tão apreciada por Freud para lidar com a dureza da vida e os sofrimentos que ela impõe?

E o que dizer da célebre frase a Pfister, em que Freud disse, em certa ocasião: “O que é belo na Religião não pertence à Psicanálise”? (1909, p.56). Talvez Freud estivesse se referindo ao sagrado do sentimento religioso, do qual a Psicanálise nada pode dizer. Desejar um deus, não é negar a castração e permanecer em uma condição psíquica, infantil e primitiva. Para quem crê em Deus, o encontro com ele se dá na revelação do mistério. E, como afirma Jean Guilton (1997, p. 42): “Mistério não é uma espécie de teste à razão e, portanto, um problema. É antes uma presença plenificante de Deus”. Em *Meu testamento filosófico: experiência cristã de um pensador contemporâneo*, em uma conversa fictícia com Pascal, Guilton (1997) reconhece um Deus de Freud, diferente do seu, porém não acredita nele. Ouçamos: “Somos sempre demasiadamente crédulos; daí, não nos damos conta. Aquilo que mais falta a nossos cristãos, Pascal, é ser ateus. De minha parte, sou ateu do Deus de Freud. Um ateu jubilante, um ateu ímpio” (GUITON, 1997, p. 42). Ateu ímpio, quer dizer, duplamente ateu.

Se há um Deus freudiano ele é, então, feio, já que o belo da religião não pertenceria à psicanálise. Talvez o belo ao qual Freud se refira diga respeito justamente à experiência do mistério, à qual, como nos lembra Freire Costa (1998), depende estritamente da linguagem. Sem a linguagem, os homens jamais partilhariam a experiência do mistério. Ela permite a articulação do homem, na sua condição de fragilidade e desamparo, com uma potência maior.

REFERÊNCIAS

CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto II - domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE-COSTA, J. Sobre religião e Psicanálise. In: MOURA, J. C. *Hélio Pellegrino: A-Deus*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 85-94.

FREUD, S. *A moral sexual civilizada e o nervosismo moderno* (1908). Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. IX, 1989.

_____. *Sobre um tipo particular de eleição de objeto no homem* (1910). Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. XI, 1989.

_____. *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci* (1910). Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. XI, 1989.

_____. *Formulações sobre os dois princípios do trabalho psíquico* (1911). Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. XII, 1989.

_____. *Tótem e tabu* (1913). Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. XIII, 1989.

_____. *Psicologia das massas e análise do ego* (1921). Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. XVIII, 1989.

_____. *O Futuro de uma ilusão* (1927). Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. XXI, 1989.

_____. *O mal-estar na civilização* (1930). Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. XXI, 1989.

FREUD, S. e PFISTER, O. *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a Psicanálise e a fé cristã*. São Paulo: Ultimato, 2004.

GUITTON, J. *Meu testamento filosófico: experiência cristã de um pensador contemporâneo*. São Paulo: Paulinas, 1999.

MACIEL, K. D. S. *O Percurso de Freud no Estudo da Religião: contexto histórico e epistemológico, discursos e novas possibilidades*, 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Pernambuco, 2007.

MEZAN, R. *Freud: pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

RICOEUR, P. *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Recebido em 10/03/2010
Aprovado em 20/10/2010